



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ANGOLA INDEPENDENTE: DO *HOMEM NOVO* A CRISE NITISTA

Inácio Luiz Guimarães Marques
Tatiana Pereira Leite Pinto

Modernidade angolana: Estado, socialismo e a negação da tradição

Em nome do povo angolano o Comité Central do Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA, proclama solenemente perante a África e o mundo a Independência de Angola. Nesta hora, o Povo angolano e o Comité Central do MPLA observa um minuto de silêncio e determinam que vivam para sempre os heróis tombados pela independência de Angola (Discurso de Agostinho Neto, em Luanda, às zero horas e vinte minutos do dia 11 de Novembro de 1975)

Após uma prolongada guerra de libertação contra Portugal, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) proclamou, unilateralmente, em 11 de novembro de 1975, na capital Luanda, a independência de Angola. Apesar da proclamação paralela feita no Huambo (ex-Nova Lisboa) pelos movimentos de libertação rivais Frente de Libertação Nacional de Angola (FNLA) e União Nacional para Libertação Total de Angola (UNITA), de fato foi o MPLA que se definiu como único movimento legítimo e verdadeiramente representante da nação angolana, obtendo reconhecimento internacional.

Imediatamente após a independência, o MPLA iniciou o processo de construção da identidade nacional, ou o que se pode chamar de angolanidade. Nessa perspectiva, a ideologia do “homem novo”, bastante difundida entre os países de orientação socialista, ganhou um lugar central, tornando-se fundamental no enquadramento social, cultural e político.

De forma bastante refretaria as questões étnicas e raciais, o MPLA passou a desenvolver uma modernidade de tipo socialista, centralizadora que negava todo tipo de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

diversidade: religiosa, étnica, racial, política, lingüística, social, entre outras. Assim como em muitas outras jovens nações africanas, as tradições locais foram marginalizadas. Como dizia SamoraMachel, ex-Presidente de Moçambique, era preciso “matar a tribo para construir a nação”:

A tribo, considerada arcaica e “feudal”, era vista como incompatível com o objectivo de construir a nação, com a unidade nacional, e desapareceria com a emergência do “Homem Novo”, alfabetizado, falando português e vivendo na aldeia comunal. (CHICAVA, 2008)

O homem novo se construiria fundamentalmente, em sua relação com o trabalho e com a produção. Na leitura do MPLA, a produção no período colonial era marcada pela anarquia, isto é, pela existência da propriedade privada dos meios de produção, sendo cada capitalista livre para produzir de acordo com seus interesses específicos. Esta anarquia seria abolida através da instauração de um sistema planificado, no qual, os meios fundamentais de produção passariam as mãos dos trabalhadores, o que faz com que o caráter do trabalho mudasse radicalmente. Isto porque os trabalhadores trabalhariam para si próprios e não mais para os colonizadores exploradores. Nas palavras de Agostinho Neto:

Produção é, portanto, um dos aspectos mais importantes da nossa reconstrução nacional. Mas a reconstrução é também a mudança dos métodos de administração e da atitude política perante o nosso Povo é sobretudo uma nova compreensão ideológica da dialética do desenvolvimento social. (Coleção Resistência: Destruir para Construir Melhor, Texto nº 5, Edição do Departamento de Informação e Propaganda (D.I.P), p.16.)

Estabelece-se uma estratégia em que o trabalhador é redefinido por uma moral e por um comportamento revolucionário e, ao mesmo tempo, objeto e (re) produtor do discurso. Não se tratava apenas de levar a cabo um comportamento profissional no âmbito das funções que se exerciam, mas de promover certa moral e apresentá-la aos seus pares, não somente na fala, mas especialmente por meio de suas “boas ações”.

Desta forma, o alvo expande-se e atinge não só o domínio do público, mas também do privado.

A disciplina jogou papel fundamental, como técnica de poder que circulava nas relações entre os agentes e garantia, ainda que pretensamente - afinal, estamos trabalhando com a dimensão discursiva –, a formatação global do homem novo.

Mas, disciplina não significa apenas a presença no trabalho e a pontualidade. O seu conceito é mais amplo: requer um aproveitamento integral do tempo, efectuação com melhor eficácia possível das tarefas atribuídas; menos tempo passado fora do local de trabalho, acatamento das diretrizes da administração, etc. [...] Atrasos, faltas injustificadas e descuido na utilização dos meios de produção, são manifestações de indisciplina que provocam atrasos na Revolução, que constituem pontos vulneráveis e enfraquecem os trabalhadores, na medida em que são aproveitados pelo inimigo. (O Partido na luta pela elevação constante da produtividade do trabalho como factor decisivo para o triunfo do Socialismo. Documentos do D.E.P para o I Congresso, Outubro 1977, p. 37)

Confundindo unidade com unicidade, a ideologia do “homem novo” concebia a nação através da negação ou recusa da diversidade. Deste modo, o novo comportamento exigido deveria estar livre de “maus hábitos”, ou dos posicionamentos de ordem étnica e racial, local e regional, ou seja, tudo o que se entendia poder colocar a angolidade em risco.

Neste período, foi produzido uma quantidade considerável de canções que divulgaram este projeto político nacional. Considerando o alcance da rádio, a difusão através desse meio indica a penetrabilidade desse discurso na sociedade.

As músicas destacadas abaixo, compostas na metade da década de 1970, são evidências da relativa incorporação da ideologia implementada pelo MPLA. O caminho para alcançar o sucesso da “revolução” estava explicitamente colocado:

Hoje é dia de Revolução	Angolano Segue em Frente
--------------------------------	---------------------------------



El Belo	Alberto Teta Lando
Hoje é dia de Revolução Hoje eu canto para Revolução Revolução nas Américas Na Ásia Na África Oh, África! África mãe-pátria Conquistada pelo mundo imperialista Servir a Revolução não é ser racista Nem tribalista Nem oportunista Mas é como consolidar o internacionalismo proletário Hoje é dia de Revolução	Angolano segue em frente Teu caminho é só um Esse caminho é difícil Mais tarde a felicidade Esse caminho é difícil Mais tarde a liberdade Angolano segue em frente Teu caminho é só um Se você é branco Isso não interessa a ninguém Se você é mulato Isso não interessa a ninguém Se você é negro Isso não interessa a ninguém Mas o que interessa é a tua vontade de fazer Uma Angola melhor Uma Angola verdadeiramente livre Uma Angola independente

A declaração do Bureau Político do MPLA dedicada ao aniversário de um ano da independência, e o 20º aniversário do MPLA, segundo a data oficial, oferece-nos de forma interessante a dinâmica social através da qual se pretendia construir a unidade nacional e o homem novo angolano. Tratava-se de

fazer renascer os [...] valores culturais, revigorá-los com os conhecimentos científicos [adquiridos], criando uma nova cultura, fundada na [...] originalidade, mas adaptada à Nova Sociedade que [pretendia-se] construir e ao Novo Homem angolano, que [queria-se] criar.

Especialmente no item intitulado “tarefas concretas a desenvolver”, o documento sugere as questões fundamentais que deveriam orientar a prática do que chamavam “grupos e comités de ação” que se formariam nas fábricas, no campo, nas escolas, nos bairros e também nas FAPLA: consolidar a independência nacional, tendo como base o campo e a indústria como fator decisivo, forjando no trabalho a unidade entre campo e cidade, sendo a escola um apoio, reforçando a economia por meio do apoio ao socialismo e aos países socialistas e, desta maneira, atingindo a unidade nacional e ideológica. (*Semanário Angolense*, nº 102, 20 de Novembro de 1976, p. 14.)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Vimos até aqui que o MPLA lançou e reforçou seu objetivo de construir a nação e o homem pertencente a ela. No entanto, na prática, como veremos a seguir, a dissidência de 27 de maio de 1977 é a demonstração mais evidente de que a unidade nacional proposta pela idéia do homem novo foi bastante limitada e que não havia consenso nem mesmo dentro do MPLA.

Os episódios ocorridos em 27 de Maio de 1977, ou simplesmente o *27 de maio*, foram a materialização ou a ruptura total de um conflito que já existia. Durante os primeiros meses após a independência, já havia um descontentamento diante da expectativa frustrada de uma vida melhor, sobretudo nos bairros mais pobres, áreas que foram mobilizadas por Nito Alves¹ e que se tornaram, sem dúvida, sua base de apoio. Acentuaram-se ao longo de todo o ano de 1976 as divergências entre o grupo em torno de Nito Alves, partidário de uma revolução aos moldes do marxismo-leninismo e o restante da direção política, que apesar de proclamações de caráter revolucionário, não tinha o objetivo de desenvolver uma revolução radical que, rumando ao socialismo, ameaçasse sua legitimidade.

No final de 1976, a tensão foi crescendo em progressão geométrica, tanto no interior do Movimento-Estado como na base. A polícia política – DISA – passou a pressionar a atividade dos nitistas e teve impacto considerável nas incursões nos bairros populares, especialmente nos de Sambizanga e Rangel. As instancias políticas foram também acirrando o conflito, seja através da supressão declarada de locais de apoio aos nitistas, tais como programas radiofônicos – *Kudibanguela*, *Juventude em Luta* – e o jornal *Diário de Luanda*, seja através da rejeição de projetos que favoreceriam os nitistas – interessados em atribuir autonomia às Comissões Populares de Bairro, níveis locais de gestão política.

Em outubro de 1976, na reunião do Comitê Central do MPLA, Nito Alves, José Van-Dúnem, comissário-político das FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação

¹A expressão nitistas, ou nitismo, refere-se ao nome de Alves Bernardo Baptista, mais conhecido como Nito Alves, guerrilheiro da 1ª região político-militar do MPLA (situada a norte de Angola) durante a luta de libertação, ministro do interior do primeiro governo independente e um dos principais articuladores do grupo que tentou derrubar o governo do presidente Agostinho Neto.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

de Angola) e seu grupo foram formalmente acusados de *fraccionismo*, ou seja, de divisionismo interno. Diante da negação dos acusados, foi criada uma comissão de inquérito, liderada pela atual presidente angolano, José Eduardo dos Santos, que averiguaria a existência ou não do *fraccionismo*. Assim, apesar de não se ter chegado a uma conclusão a respeito dessa questão, Nito Alves foi imediatamente afastado do cargo de ministro da Administração Interna e, verificou-se, a partir de então, um investimento considerável do Comitê Central em remover das estruturas do Movimento pessoas consideradas pró-nitistas, além da dissolução de órgãos de imprensa julgadas de mesma orientação.

Essa reunião modificou definitivamente a relação de forças entre nitistas e a direção política do MPLA. Nos meses seguintes o conflito se mostrou cada vez mais aberto e declarado. Enquanto Agostinho Neto apelava para a necessidade de coesão da direção política, condenando todo tipo de atividade que dividisse o Movimento, Nito Alves reforçava suas críticas. Sua resposta a acusação de que estava liderando um movimento *fraccionista* foi claramente elaborada no documento *13 teses em minha defesa*, em que, logo na introdução, apresenta os motivos para sua realização:

O Comité Central não pode permitir que eu permaneça, diante dos meus acusadores, com as mãos abusiva e agressivamente amarradas sobre as minhas costas vergastadas e o meu corpo preso e atado a mil cordas e mil nós a um poste de suplício e martírio, onde a reacção interna exhibe e rema o seu chicote contra-revolucionário. Nesta peça de defesa responderei aos meus adversários, "dente por dente, olho por olho". É chegado o tempo de se pôr fim às torturas políticas e morais de que sou alvo há dois anos a esta parte. E transformarei a cavilosa acusação de que tenho sido vítima irreal num verdadeiro libelo acusatório.

Embora tenha formulado uma série de críticas, Nito Alves não teve a oportunidade de expô-las, pois a comissão de inquérito confirmou na reunião do Comitê Central em 20 de maio de 1977 a existência do que foi chamado de *atividades fraccionistas*. A punição prevista, a expulsão do Comitê Central de Nito Alves e José



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Van-Dúnem, selou a ruptura entre nitistas e a Direção e acelerou de forma decisiva os acontecimentos: apenas 1(uma) semana depois, ocorreria a tentativa de golpe de Estado.

Luanda, madrugada do dia 27

As primeiras horas da sexta-feira, dia 27 de maio, já anunciavam circunstâncias atípicas, mesmo para a cidade de Luanda, onde os tiros já faziam parte do cotidiano. Segundo o relato de Afonso Dias da Silva, o tiroteio foi inicialmente localizado. Estava na casa de Paulo Teixeira Jorge, Ministro das Relações Exteriores entre 1976 e 1984, em um jantar em que participava o embaixador da Guiné-Conakry. Ele conta que:

A meia noite e cinco minutos começamos a ouvir os primeiros tiros. O Paulo até disse isso deve ser brincadeira [...], mas a coisa ia aumentando de tom. Aí foi quando eu disse que ia me retirar, porque a coisa podia ser perigosa e alastrar para toda a cidade. Diz o Paulo Jorge uma vez que vais sair, faz-me um favor de levar daqui o camarada embaixador e deixá-lo no hotel Panorama, na ilha. Sim senhor, pouco depois despedimo-nos e fui levar o homem na ilha e quando eu regressando passava, atravessava a ponte o tom do tiroteio já era mais alto. Já havia fogo cerrado. Atravessei a cidade toda e fui para Maianga onde eu morava, no largo João Seca. O tiroteio era na zona dos quartéis, naquelas imediações [...] por ai, era naqueles quartéis que quem sai do aeroporto, vira a direita, naquela grande avenida, naquela grande cintura, tem quartéis ali a direita e a esquerda e era daí que saía o tiro, o tiroteio. (Entrevista de Afonso Dias da Silva, s.l, s.d. Acervo pessoal de Marcelo Bittencourt)

A zona dos quartéis é a região onde ficava justamente a Companhia de Reconhecimento e Blindados da 9ª Brigada das FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola) que se destacou pelo apoio dado às ações dos nitistas. Ainda que não haja muita precisão, o cruzamento das informações indica que a saída dos militares ocorreu ainda de madrugada, entre as 4 e 5 horas. Miguel Francisco “Michel”, integrante da 9ª Brigada conta o que Guerra, seu colega militar, lhe disse na manhã daquele dia:



A noite apareceram lá muitos chefes: Karrapaz, o Zeca, Ndongo, o Antonio Lourenço e mais outros chefes de outros quartéis. Mandaram-nos formar de madrugada, deram-nos instruções, organizaram-nos em grupos e depois ordenaram-nos para cumprirmos com disciplina todas as ordens que os chefes baixarem. O Comissário Karrapaz [...] disse que era uma missão muito importante para os angolanos e por isso era preciso apoiar a manifestação do povo. E, assim, saímos com os blindados. (FRANCISCO, 2007, p. 36)

Ataque a Cadeia de São Paulo e a Casa de Reclusão

A Cadeia de São Paulo, tal como a Casa de Reclusão Militar, foram no período colonial locais de detenção, por excelência, de presos políticos da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado). Após a independência em 1975, o MPLA organizou uma polícia secreta, a DISA (Direção de Informação e Segurança de Angola), que acabou por reatualizar o papel da Cadeia de São Paulo – e da Casa de Reclusão – tornando-as, a partir de então, locais de detenção das dissidências políticas do Movimento-Estado. Foram, por isso mesmo, novamente escolhidas como alvos, desta vez das ações nitistas.

O destacamento feminino dos Dragões – nome da 9ª Brigada – liderado pela Comandante Elvira da Conceição (Virinha) e pela Comissária política Fernanda Delfim (Nandy) foi o responsável pelo ataque a cadeia de São Paulo, localizada nas proximidades do quartel. Forçaram a entrada e a resistência apresentada pelos guardas foi logo vencida pela participação decisiva de um tanque, que destruiu os portões da Cadeia.

Nos confrontos que aí se sucederam, houve, evidentemente, mortes de ambos os lados, mas é em torno da morte de Hélder Neto, responsável pela cadeia e pelo Departamento de Informação e Análise (DIA-DISA), que ainda hoje persistem controvérsias. Enquanto a direção do MPLA defendeu que ele teria sido assassinado e, portanto, “tombado” heroicamente, existe outra versão que sugere que ele se suicidou



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

para não ser capturado com vida pelos nitistas². Para além desta questão, o importante é que o assalto a cadeia colocou em liberdade elementos ligados aos nitistas que, ao longo daqueles últimos meses, haviam sido presos.

Manhã do dia 27

Às seis horas da manhã, sensivelmente, como de hábito, acordo, ligo meu pequeno rádio e oiço: ‘Kudibanguela! Weia, weia! ...’ (FRANCISCO, 2007, p. 35)

A luta travada nas ondas da Rádio

O dia ainda guardava surpresas. Na manhã os caluandas (luandenses) foram surpreendidos pela transmissão da Rádio Nacional de Angola (RNA). O Programa *Kudibanguela* que havia sido suprimido desde 1975, voltara naquela manhã, em tom de desafio. A RNA, na verdade, havia sido tomada entre às 6 e às 8 horas, por nitistas, com o apoio de militares da 9ª brigada. A transmissão seguia com músicas cantadas em quimbundo (língua bantu) que se alternavam com pronunciamentos. O primeiro deles pedia o fim da repressão policial da DISA e a libertação dos presos. Em outro comunicado, sem dúvida mais direto, o locutor, que se intitulava integrante de um “Comitê de Ação do MPLA – Unidade FAPLA-Povo”, informava aos ouvintes que a emissora fora tomada e que os

² A versão do suicídio de Helder Neto é defendida por João Eurico Kandanda, elemento das FAPLA e da DISA, que estava na Cadeia de São Paulo no momento do ataque. Segundo ele, *quando o Comandante Helder Neto viu que a situação estava descontrolada chamou-me e disse: ‘Meus camaradas, estes bandidos, racistas e contra-revolucionários não vão me apanhar vivo’. Pegou na arma e deu-se um tiro na cabeça. Portanto, ele não foi morto pelos homens do 27 de maio.* (Folha 8, 26/05/2001).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

camaradas revolucionários, injustamente acusados de traição e de fracionismo, haviam sido libertados por faplas e pelo povo. Dizia que um novo processo revolucionário marxista-leninista se iniciara, que ministros corruptos estavam presos, e que o conluio dos sociais-democratas e maoístas havia chegado ao fim. (AFALO, *Isto é*, 8 de junho de 1977, p. 21)

A partir de então os comunicados passaram a fazer apelos à população. Primeiro convocou-se a reunião popular em frente ao Palácio do Governo, mas, ao que tudo indica, foi frustrada por militares. O lugar da manifestação teria, assim, mudado para frente da própria Rádio Nacional, para evitar, segundo o próprio locutor, um confronto com as *forças governamentais*. Rapidamente centenas de pessoas ali se aglomeraram. Do lado de dentro, seguia-se a alternância entre músicas e os discursos improvisados, que identificavam Nito Alves como o “dirigente” do que era qualificado como “insurreição popular”. Curiosamente, não se sabe ao certo qual foi à participação dessas lideranças naquelas ações. Um comunicado da rádio chegou a anunciar entusiasticamente que Nito Alves e José Van Dunem haviam sido libertados de uma prisão, mas ainda que alguns afirmem que eles estavam presos³, não é possível confirmar tal informação. Especula-se que Sita Vales tenha participado na mobilização popular. (*Expresso*, 25 de janeiro de 1992)

O sol já estava quase a pino quando o jogo de forças inverteu-se a favor das tropas leais ao Presidente Agostinho Neto. No momento em que falava ao microfone um “pioneiro” (jovem militante do MPLA) invocando o poder popular e enaltecendo a figura de Nito Alves, instalou-se a confusão. A transmissão foi cortada, mas voltou em seguida. Ouviu-se discussão e vozes, que em castelhano, ordenavam a interrupção daqueles pronunciamentos. Os cubanos haviam, ainda que tardiamente, se posicionado ao lado de Agostinho Neto e em conjunto com tropas do MPLA, comandadas por Henrique Santos (Onambwé), retomam a Rádio Nacional de Angola. É um cubano que naquela confusão avisa: “Al pueblo de Angola e al camarada presidente Neto se declara ... que na Radio Nacional de Angola se encuentra em manos revolucionarias, que se encuentra aqui um montón de cuadros confundidos”.(AFALO, *Isto é*, 8 de junho de

³Artur Queiroz, *A Revolta dos racistas*, 28.5.1977



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

1977, p. 21). Do lado de fora, os militares agem violentamente disparando tiros contra a multidão e a concentração é, assim, dispersada.

Tarde do dia 27

As ruas continuam desertas [...] e algumas pombas catam migalhas nas calçadas da praça. Uma mulher com seu bebê às costas passa calmamente entre algumas crianças (AFALO, Isto é, 8 de junho de 1977, p. 22)

A aparente calma observada nas ruas contrastaria com as ações repressivas que se iniciaram em pontos específicos, como no quartel da 9ª Brigada e no Município do Sambizanga. Por volta das 14 horas o Presidente Agostinho informava, através da televisão, que membros da direção política e das forças armadas tinham tentado pela força das armas manifestar o seu descontentamento pelas sanções disciplinares que lhes tinham sido aplicadas pelo Comitê Central do MPLA. Ainda em tom moderado, apelou para o dialogo, apesar de dizer que os expulsos teriam que fazer um grande trabalho de reabilitação para voltarem às fileiras do Movimento como dirigentes.

Neste mesmo momento o quartel da 9ª Brigada já havia sido ocupado pelos cubanos. Lá estiveram detidos pelos nitistas dirigentes políticos e comandantes militares que, diante da virada da situação, teriam sido deslocados para o Sambizanga, reduto no qual Nito Alves gozava de grande prestígio. Exatamente por isso um grande cerco a região foi montado, de modo que às 17 horas todos os seus acessos estavam bloqueados. José Maria da Costa, morador do Sambizanga, conta que:

foi por essa altura que a tenebrosa DISA começou a entrar para o interior das casas, para ‘apanhar’ jovens intelectuais, artistas, desportistas e homens de pequenos negócios [...] Não davam explicações nenhuma aos pais dos jovens que, uma vez aprisionados, eram conduzidos por cerca de 30 a 40 militares, escoltados por blindados. Eram amarrados e espancados, o que originou a morte de muitos, ainda a caminho do local das execuções. (TONET, Folha 8, 26 de maio de 1998, p. 6)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

O toque de recolher fora anunciado pela Rádio Nacional entre às 17 horas e às 6 horas da manhã do dia seguinte. Às 18 horas Agostinho Neto fez uma segunda intervenção televisiva tornando publica a informação de que altos dirigentes, civis e militares, haviam sido capturados pelos nitistas. O comedimento havia desaparecido, cedendo lugar para um discurso agressivo, que já sugeria o tom da repressão. Neto afirma que “não haverá para aqueles que se introduziram numa luta contra o MPLA qualquer espécie de contemplação, qualquer espécie de perdão [...] Não há mais tolerância. Nós vamos proceder de uma maneira firme, e dura”. (Boletim do Militante. 27 de junho de 1977. Ano I nº 3. p.9)

28 de maio

No dia seguinte a crise que se instalara em Luanda, foram encontrados dentro de veículos os corpos queimados daqueles dirigentes do MPLA que haviam desaparecido: Eugénio Verríssimo da Costa (Nzaji), membro do Comitê Central do MPLA, do Estado Maior-Geral das FAPLA e do Conselho da Revolução; Paulo da Silva Mungungu (Dangereux), membro do Comitê Central do MPLA, do Estado Maior-Geral das FAPLA e do Conselho da Revolução; Major Saydi Vieira Dias Mingas, membro Comitê Central do MPLA, Ministro das Finanças e membro do Conselho da Revolução; Comandante Eurico Manuel Correia Gonçalves, membro do Estado Maior-Geral das FAPLA e do Conselho da Revolução; Comandante José Manuel Paiva (Bula), membro do Estado Maior-Geral das FAPLA e do Conselho da Revolução.

As mortes dos dirigentes seriam o destaque da terceira comunicação feita por Agostinho Neto ao país. O presidente, em resposta àqueles “crimes”, definia já claramente a estratégia de repressão adotada. Dispensando a justiça regular, a solução dita revolucionária acabou por ser responsável por um número expressivo de mortos nos meses seguintes ao 27 de maio:



Diante destes factos, diante de crimes que foram perpetrados friamente (tendo os camaradas sido mortos, provavelmente, a tiro e depois queimados, os seus corpos foram encontrados carbonizados em viaturas) diante de crimes que nos lembram o fascismo, que nos lembram os crimes da acção da FNLA, aqui em Angola, nós não podemos deixar de fazer algumas considerações. E, é só no sentido de dizer que, em primeiro lugar, os esquerdistas, os radicalistas, os ultrarevolucionários, utilizam quase sempre os mesmos métodos que os reaccionários. Não há diferença. E, nós estamos convencidos que a única maneira de combater esta onda que apareceu em Luanda, é fazer com que, esses indivíduos que hoje desapareceram e, certamente estão aqui em Luanda, sejam encontrados e sejam, depois, entregues a justiça.

Alguns daqueles que participaram neste crime já estão presos. Dentro de pouco tempo, nós diremos qual será o destino que será reservado a esses indivíduos. Certamente, não vamos perder muito tempo, com julgamentos. Nós vamos ditar uma sentença. Não vamos utilizar o processo habitual, que não seria justo, quando de uma maneira tão evidentemente fascista elementos se comportam, aqui, como defensores da Revolução. Não pode ser. Seremos o mais breve possível, para podermos resolver esses problemas e, vamos tomar decisões segundo a lei revolucionária. (Terceira Comunicação do Presidente Agostinho Neto, Tempo, n° 349, p. 60)

Conclusão

Parece ter ficado claro o contraste que ocorreu, durante o primeiro governo independente angolano, entre a retórica e a prática política. Diversas publicações oficiais disponíveis exaltavam exaustivamente o homem novo como um tipo ideal destituído de qualquer elemento capaz de dividir a nova nação. Mas como era de se esperar, esse projeto audacioso não substituiu as vivências, os vínculos e as rivalidades que já existiam. Neste sentido, o 27 de maio de 1977 não é o único, mas talvez o melhor exemplo de fissura que derrubou a ideia do homem novo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Bibliografia

BAPTISTA, Alves Bernardo. *13 Teses em minha defesa*.
<http://www.27maio.org/teses.php>

BENDER, Gerald Jerry. *Angola sob o domínio português – mito e realidade*. Editorial Nzila – Coleção Ensaio 21: Luanda, Agosto de 2004.

BITTENCOURT, Marcelo. *Dos Jornais às Armas. Trajectórias da Contestação Angolana*. Lisboa: Vega Editora, 1999.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

_____. A História Contemporânea de Angola: seus achados e suas armadilhas. IN: *Construindo o Passado Angolano: as fontes e a sua interpretação. Actas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola (4 a 9 de agosto de 1997)*. Luanda: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000. p. 161-185.

_____. “Estamos Juntos” – o MPLA e a Luta Anticolonial (1961-1974). Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002.

_____. *Angola: influências e persistências indesejáveis*. CODESRIA – XIª Assembléia Geral. Maputo, Moçambique, de 6 a 10 de dezembro de 2005.

_____. *Modernidade e atraso na luta de libertação angolana*. IN: REIS, Daniel Aarão e ROLLAND, Denis (org.). *Modernidades Alternativas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

_____. Tradição, modernidade e cultura política. IN: REIS, Daniel Aarão; MATTOS, Hebe; OLIVEIRA, João Pacheco; MORAES, Luís Edmundo de Souza Moraes; RIDENTI, Marcelo (org.). *Tradições e modernidades*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

CHICHAVA, Sérgio. Por uma leitura sócio-histórica da etnicidade em Moçambique. Disponível em: <http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/Etnicidade.pdf>

Coletânea do Cinema angolano. Ministério da Cultura. GURN – Governo de Unidade e Reconciliação Nacional. Disco 1& 2.

FRANCISCO, Michel. *Nuvem Negra – O drama do 27 de Maio de 1977*. Lisboa: Clássica Editora, 2007.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

GILROY, Paul. *Entre campos – nações, culturas e o fascínio da raça*. São Paulo: Annablume, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

JAIME, Drumond e BARBER, Helder. *Angola: Depoimentos para a história recente (1950-1976)*. S/l: Edição dos autores, 1999.

MAMDANI, Mahmood. *Ciudadano y Súbdito – África Contemporânea*. México: SigloVentiuno Editores, S.A de C.V, 1998.

MARCUM, John. *The Angolan Revolution. The anatomy of an explosion (1950-1962)*. Cambridge: The Massachusetts Institute of Technology, volume I, 1969.

_____. *The Angolan Revolution. Exile politics and guerrilla warfare (1962-1976)*. Cambridge: The Massachusetts Institute of Technology, volume II, 1978.

MENEZES, Carlos Teles de. *O nacionalismo musical angolano*. Monografia de conclusão de curso de pós-graduação lato-sensu de História da África, apresentada ao Centro de Estudos Afro-asiáticos da Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 1998.

MESSIANT, Christine. *Angola, Les Voies de L'Ethnisation et de la Décomposition. Lusotopie*, Fev. 1994.

PÉLISSIER, René. *La Colonie du Minotaure. Nationalisme et Revoltes (1926-1961)*. Orgeval (França): Pelissier, 1978.

PEREIRA, José Maria Nunes. *Angola: uma política externa em contexto de crise (1975-1994)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, 1999.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. *Os Regressados na Cidade de Luanda: um estudo sobre identidade étnica e nacional em Angola*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, 1999.

PIMENTA, Fernando Manuel Tavares Martins. *Branços de Angola – Autonomismo e nacionalismo (1900 – 1961)*. Edições MinervaCoimbra, 2005.

_____. *Angola no Percurso de um Nacionalista – Conversas com Adolfo Maria*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

SANSONE, Livio. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil*. Salvador: Edufba; Pallas, 2007.

SERRA, Carlos (org). *Racismo, Etnicidade e Poder – Um estudo em cinco cidades de Moçambique*. Maputo: Ed. Livraria Universitária, 2000.

TALI, Jean-Michel Mabeko. *Dissidências e poder de Estado: o MPLA perante si próprio*. Vol I e II. Editorial Nzila – Coleção Ensaio 3: Luanda, 2001.